

**O LEVANTE DA VOZ FEMININA ÀS MARGENS DO CÂNONE:
NACIONALISMO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA POÉTICA
GUINEENSE DE ODETE SEMEDO**

**THE RISE OF THE FEMININE VOICE ON THE MARGINS OF
THE CANON: NATIONALISM, IDENTITY AND RESISTANCE IN
THE GUINEAN POETRY OF ODETE SEMEDO**

Claudia Letícia Moraes¹

Rayron Lennon Costa²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143113

RESUMO: O presente estudo visa analisar quatro poemas significativos da autora guineense Odete Semedo, levando em consideração o engajamento da poetisa no sentido de dar visibilidade à literatura do seu país, tendo como temas principais as questões linguísticas que permeiam a Guiné-Bissau, a afirmação da nacionalidade como forma de resistência por meio do uso da língua crioula e a ênfase na constituição de uma identidade ancorada na ancestralidade e na complexa relação estabelecida com o colonizador.

ABSTRACT: This study aims to analyze four significant poems of Guinean author Odete Semedo, taking into account

¹ Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília.

² Mestrando em Teoria Literária pela Universidade Estadual do Maranhão.

the poet's commitment to give visibility to the literature of her country, having as main themes the linguistic issues that permeate Guinea-Bissau, the affirmation nationality as a form of resistance through the use of the Creole language and the emphasis on the constitution of an identity anchored in the ancestry and complex relationship established with the colonizer.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia de autoria feminina; Nacionalismo; Resistência; Odete Semedo; Margens do cânone.

KEYWORDS: Poetry of female authorship; Nationalism; Resistance; Odete Semedo; Margins of the canon.

INTRODUÇÃO

A literatura produzida por minorias culturais ou de gênero busca dar visibilidade a produções de autoria de grupos pouco prestigiados no contexto social e que, conseqüentemente, têm menor visibilidade dentro do contexto da tradição literária. Essas literaturas marginalizadas ganham espaço à medida que a crítica, também parte importante do processo de circulação e recepção de obras literárias, ocupa-se em dar notoriedade a ela.

Neste ínterim, pretende-se, a partir do presente estudo, investigar algumas poesias de uma autora ainda pouco analisada por parte da crítica literária brasileira, oriunda de

um dos países africanos de língua portuguesa parcamente conhecido em nossas letras: trata-se da guineense Maria Odete da Costa Soares Semedo, que traz em sua voz poética questões voltadas para uma espécie de invenção da nação guineense, ao tempo que problematiza a fala dessa identidade a partir do percurso insidioso do neocolonialismo e de uma intrincada relação entre língua oficial e língua de uso comum (português/crioulo). Ressalta-se que os poemas aqui trazidos para análise são escritos de forma bilíngue, em crioulo e português, sendo que optamos para este estudo, para fim de entendimento, apresentar um recorte das poesias da autora escritas em língua oficial portuguesa.

Semedo evoca, em seus poemas, ecos de ancestralidade e do passado guineense, portando-se como mensageira de uma nação de história profundamente marcante – e não faltam, no percurso poético da autora, marcas da colonização e da guerra civil que assolaram seu país.

Guiné-Bissau foi durante muito tempo um centro de comércio escravagista relegado a segundo plano pelo domínio português, o que fez com que a educação e a alfabetização em língua portuguesa, na colônia, fossem amplamente negligenciadas. Essa operação sistemática de displicência com o país justifica, portanto, o surgimento tardio de uma literatura guineense consolidada, esta que em sua emergência expõe as feridas de um longo período de exploração colonial. Apesar desse problema inicial, o suposto “vazio li-

terário” guineense tem sido preenchido por um sistema literário em pleno florescimento e que reclama, com urgência, a preocupação dos estudos acadêmicos e a divulgação de suas obras no Brasil (AUGEL, 2007).

A participação da mulher como voz criadora, nas literaturas africanas de língua portuguesa, é discreta se a compararmos com a produção realizada pelos homens. Representante da nova geração, Odete Semedo é autora de contos e poemas. Publicou as obras *Entre o Ser e o Amar* (poemas, 1996), *SONÉÁ histórias e passadas que ouvi contar I* (contos, 2000), *DJÊNIA histórias e passadas que ouvi contar II* (contos, 2000) e *No Fundo do Canto* (poemas, 2003). Foi a primeira poetisa a publicar, em 1996, em seu país, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), um livro de poesia, intitulado *Entre o Ser e o Amar* (TÉ, 2011, p. 39).

Nos quatro poemas escolhidos como objeto de análise deste estudo, e que compõem os livros *Entre o ser e o amar* (1996) e *No fundo do canto* (2007), existe a evidência de um conflito e de uma aproximação que deve ser levada em consideração: os poemas são apresentados de forma bilíngue, em português e em crioulo. A dualidade é propositalmente explorada: por um lado, a autora está inevitavelmente ligada à cultura portuguesa; por outro, sua memória e seus afetos estão arraigados às tradições de sua cultura, linguisticamente representada pela adoção do crioulo em seus versos. A autora explica sua urdidura poética: “nem todos os poemas

são apresentados em duas versões, dado que uns foram escritos originalmente em *kriol* e outros em português. E a tradução fá-los-ia perder a autenticidade” (SEMEDO, 1996, p. 7).

Nos poemas em análise encontram-se temas de importância significativa, tais como os desenganos vividos no período pós-independência, ressaltando as dificuldades e avanços que acompanham, de modo sistemático, a formação da nação guineense, a busca por uma constituição identitária que tenta unificar um eu que se vê dissolvido em uma teia de relações contraditórias advindas da decolonialidade, dentre outros conflitos de cunho étnico-cultural. Assim, a presente investigação se apoia na análise desses temas, aliados à perspectiva de possibilitar maior visibilidade para uma autora importante no contexto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a fim de dar voz à autoria de uma poetisa por muitos anos silenciada no contexto político de seu país.

QUEBRA DE SILÊNCIO E REPRESENTATIVIDADE NA CONTESTAÇÃO DO CÂNONE

Discutir sobre questões que envolvem as minorias é falar sobre a dinâmica das relações sociais, em que determinados grupos encontram-se em situação de inferioridade ou subordinação sócio-política, econômica ou cultural em

relação a outros grupos. Essa discussão envolve conceitos diversos, como direitos humanos, reconhecimento e representatividade, relevando complexas tessituras sociais que estão em constante tensão. Em toda esta contextualização, portanto, cabe uma reflexão sobre as diferentes identidades que compõem os quadros culturais das minorias espalhadas pelo mundo.

No contexto da crítica literária, tal como foi amplamente estabelecido pelo cânone ocidental (BLOOM, 1995), grande parte das teorizações e desenvolvimentos conceituais são elaborados a partir de uma perspectiva tida como universal, que põe em primeiro plano determinadas categorias: “hierarquia”, “civilização”, “masculinidade”, “heteronormatividade”, em uma norma eurocêntrica que geralmente ignora tudo aquilo que se distancia desse padrão.

Assim, aquilo que é entendido como “cânone literário” mostra, por meio de suas ausências e silenciamentos, suas exclusões e suas lacunas, o quanto ainda se trata de um espaço de disputa pelo poder. O cânone apresenta-se como um campo rígido desde seu estabelecimento e, dessa maneira, é de suma importância que sejam questionadas as escolhas contempladas por ele, buscando abrir novos espaços para que este deixe de ser homogeneizado, privilegiando poucas vozes. Para Regina Dalcastagnè, em obra intitulada *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado* (2012, p. 12): “[...] ignorar essa abertura é

reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e hierarquização social, deixando de lado as suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório”. Já Florentina Souza, em texto denominado “Literatura Afro-Brasileira: algumas reflexões” (2005, p. 71), mostra o atual cenário de recepção de obras literárias, que já não tem o cânone como centro de suas atenções e propõe uma nova perspectiva de abertura àqueles que foram sempre emudecidos:

Imbuída de que lhe cabia a função de selecionar leitores, imbuída de que o hermetismo garantiria o acesso de poucos, fosse pela dificuldade da leitura/escrita, fosse pela dificuldade econômica, excluiu de seu campo a literatura oral e todos outros “impuros” usos de recursos expressivos e estilísticos que a sua linguagem assumiu como se fossem a ela restritos. Literatura oral, literatura popular, ensaios, crônicas foram por muito tempo tachados de menores, se não excluídos dos jardins das Musas. As mudanças políticas e sociais, as transformações tecnológicas e da indústria cultural abalaram o pedestal da literatura e ela se viu obrigada a conviver com as “marcas sujas” da vida. Dos seus lugares desprestigiados, mulheres, afro-brasileiros/

as, homossexuais, analfabetos juntamente com a cultura de massa e a cultura popular atacaram o campo literário e reivindicaram para si a possibilidade de tematizar, no interior deste campo, questões e problemas sociais e passaram a conferir qualificação de etnia e gênero, por exemplo, à literatura". (SOUZA, 2005, p. 71)

Observa-se, contemporaneamente, que o estatuto do cânone literário tem sido posto em questão, suscitando estudos preocupados em analisar temas que diferem desse padrão normatizado. Nesta perspectiva é que a imagem das mulheres e das minorias étnicas na escrita literária vem ocupando espaços cada vez maiores, retirando-as dos mais variados graus de marginalização, haja vista a lógica de exclusão se apoiar numa matriz de dominação que combina dimensões diversas, tal como gênero, etnia, classe ou região.

No tocante às questões relativas ao gênero observa-se, historicizando o conceito, que um primeiro movimento de luta pelos direitos femininos incluía o direito à educação, ao voto e à igualdade de acesso e oportunidades, sobretudo nos países ocidentais. A partir daí houve, mais tarde, um novo movimento de busca pelo aumento das intervenções femininas, principalmente no que tange à sua construção simbólica (RAGO, 1998). Dessa forma, vêm sendo

estabelecidas novas perspectivas que buscam inscrever as mulheres como agentes em processos social, político, econômico e cultural, num processo que evolui em diferentes temporalidades e em sociedades distintas, considerando suas características peculiares.

Já a etnicidade, compreendida pelo viés literário, baseia-se, sobretudo, no conceito de identidade; esta, no país em análise, apresenta uma peculiaridade em relação aos outros países da CPLP. Segundo Filomena Embaló: “A Guiné-Bissau é dos raros países africanos onde uma das línguas étnicas não se impôs como língua franca ou língua dominante. E esse fenómeno deve-se sem dúvida à existência do crioulo guineense” (2008, p. 105). Por tratar-se da língua de comunicação entre os diversos grupos populacionais ao longo do processo independentista, o *kriol* teve papel de elemento de congregação num contexto de variada diversidade étnica. A utilização de uma língua comum, diferente da língua oficial imposta pelo colonizador, apresentou-se como símbolo de resistência cultural contra o jugo português e contribuiu para a criação de uma unidade nacional. A língua oficial, amalgamada ao *kriol*, também teve sua contribuição na formação da língua comum própria, elemento fundamental na formação da identidade nacional guineense.

As diversas manifestações de contestação da ordem vigente, tais como os estudos culturais e os estudos femi-

nistas, apresentam-se como um campo fértil de discussões acerca da aceitação da diferença, pondo em relevo, epistemologicamente, as diferentes trocas culturais a partir de contextos pós-coloniais que questionam o conceito de universalismo cultural.

A partir do estabelecimento de lugares institucionais e simbólicos do discurso literário, tais como o da academia, da universidade e hoje, de forma mais evidente, o do mercado, realiza-se um processo de resgate e de reconhecimento de obras escritas por mulheres que, no decorrer do tempo, foram relegadas ao ostracismo ou, no contexto contemporâneo, não tiveram visibilidade e/ou reconhecimento no cânone. A partir desse ponto de vista, o artigo visa analisar parte dos poemas da bissau-guineense Odete Semedo enquanto espaço de resistência linguístico-cultural, com ênfase na tradição crioula e na oralidade, entendendo a cultura guineense como um rico e singular mosaico étnico-linguístico, pois, conforme afirma Amarino Oliveira de Queiroz na tese “As inscricuras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana” (2007, p. 151), trata-se de uma: “[...] poética do Diverso, caracteristicamente heterogênea, múltipla e imprevisível, situação através da qual passa a se opor frontalmente à ideia do Mesmo, ou seja, à de uma identidade fechada sobre si própria”.

LÍNGUA E RESISTÊNCIA: A POESIA DE ODETE SEMEDO

As intersecções observadas entre as práticas poéticas e narrativas de países luso-falantes, mais especificamente os países africanos com variadas dinâmicas culturais aponta para um leque de investigações que, nos últimos anos, vem ganhando maior espaço e interesse de pesquisadores brasileiros. Nessa conjuntura, é importante destacar que a crítica que aqui se procede intenta estabelecer conexões com teorias e críticas literárias que têm como referência a própria autora analisada, bem como autores africanos e brasileiros que tecem considerações sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa.

No caso específico de Guiné-Bissau, ainda são escassas as pesquisas acerca da literatura produzida neste país, sendo este um dos mais desconhecidos da lusofonia e considerado como um “espaço vazio” no tocante à literatura. Neste ínterim mostra-se relevante empreender pesquisas sobre essa literatura extremamente loquaz que questiona, de dentro, as relações entre línguas nativas e língua colonial, apresentando um mosaico étnico que se reflete na riqueza linguística do país e que é uma questão também discutida e representada na poética de Odete Semedo. Para Jane Tutikian (2006, p. 11): “[...] pensar a literatura é ainda, e cada vez mais, pensar a questão da identidade”. É nesse cenário que é apresentada a eleva-

da plasticidade poética em que o crioulo reaviva o português, dando-lhe uma nova dimensão que empreende uma aliança entre as temáticas sociais e as líricas, considerando, nesse entremeio, os valores culturais e a oralidade presentes de forma marcante, para a contextura da identidade guineense.

As questões linguísticas são interessantes na medida em que se observa que o termo “lusofonia” ganha diferentes sentidos com o passar do tempo: designava, inicialmente, as pessoas, as regiões e os países onde o português gozava do estatuto de língua segunda, língua não materna, para se referir, contemporaneamente, a todas aquelas pessoas que de alguma maneira se identificam com a língua portuguesa. Nesse caso está incluída Guiné-Bissau, onde uma grande quantidade de línguas vernáculas concorre com o *kriol*, largamente utilizado para a comunicação interétnica, e o português, que goza do status de idioma oficial. Para Maria Nazareth Soares Fonseca (2015, p. 37) o caso da literatura guarda ainda mais peculiaridades na formação de uma identidade que represente a nação: “A escrita literária, considerada veículo para a concretização de identidades culturais e híbridas, mescladas, imprime, na língua oficial de cada espaço, marcas e tons diferenciados”. O fato é esclarecido por Hildo Honório do Couto, no artigo “A poesia crioula Bissau-guineense”:

Acontece que na Guiné-Bissau convivem mais de 16 línguas, todas elas com uma longa tradição de literatura oral, frequentemente chamada de oratura ou oralitura. Além da oratura nas línguas étnicas africanas (fula, balanta, mandinga, manjaco etc.), temo-la também na língua franca nacional, o crioulo, que resultou do contato dos colonizadores portugueses com falantes dessas línguas. De modo que em vez de “literatura guineense/da Guiné-Bissau” parece mais adequado falar-se em “literaturas guineenses”. (2008, p. 83)

Feita esta colocação, é importante a observação de que o crioulo guineense tem um *status* de prestígio, sendo, segundo afirma a própria autora, em sua tese de doutorado (SEMEDO, 2010, p. 87): “[...] a língua nacional, falada pelos membros das diversas etnias que compõem o mosaico linguístico guineense [...] esse crioulo de base portuguesa é também a língua da tradição oral, da oratura, língua materna de muitos guineenses”.

No presente artigo foram selecionados para análise dois poemas do livro *Entre o ser e o amar* (1996) e outros dois poemas de *No fundo do canto* (2007), representando parte da poética de temáticas variadas da autora, que formam elementos de questionamento da identidade nacional,

do trabalho com a poesia e dos sofrimentos experienciados no contexto pós-colonial. Logo em sua primeira obra a autora apresenta uma composição inovadora, tal como demonstra Hildo Honório do Couto:

Entre o ser e o amar está dividido em dois blocos. O primeiro (Oscilações) consta de doze poemas, sendo três (“Flor sem nome”, “Noite imaculada” e “Esperança”) só em português e os demais em crioulo e português. Os poemas bilíngues não são uma mera tradução um do outro. Frequentemente a versão portuguesa apresenta mais versos do que a crioula, que vem em primeiro lugar [...] O segundo bloco de poemas, Entre o ser e o amar, que dá nome ao livro, consta de 32 poemas, sendo 22 bilíngues, cinco só em português e cinco só em crioulo. (2010, p. 153)

É esse crioulo que dá base às oraturas que são de extrema relevância na tessitura de narrativas e líricas. A poesia da autora levanta, ainda, questões sobre a legitimidade do crioulo e sobre a sua plasticidade enquanto espaço de representação das experiências vividas pelo povo guineense a partir de uma língua própria, tal como demonstra o poema a seguir:

*Em que língua escrever
As declarações de amor?
Em que língua cantar
As histórias que ouvi contar?*

*Em que língua escrever
Contando os feitos das mulheres
E dos homens do meu chão?
Como falar dos velhos
Das passadas e cantigas?
Falarei em crioulo?
Falarei em crioulo!*

*Mas que sinais deixar
Aos netos deste século?*

*Ou terei que falar
Nesta língua lusa
E eu sem arte nem musa
Mas assim terei palavras para deixar
Aos herdeiros do nosso século*

*Em crioulo gritarei
A minha mensagem
Que de boca em boca
Fará a sua viagem*

*Deixarei o recado
Num pergaminho
Nesta língua lusa
Que mal entendo
No caminho da vida
Os netos e herdeiros
Saberão quem fomos*

(SEMEDO, 1996, p. 12-13)

Ainda segundo a observação de Maria Nazareth Soares Fonseca (2015, p. 39): “As indagações que atravessam o poema de Semedo expressam os impasses que se põem entre falar crioulo, a língua de identificação nacional, o idioma em que se expressam os afetos mais íntimos, e escrever em português, a língua oficial do país”. Nota-se, a partir da análise do poema, que a(s) língua(s) funcionam ao mesmo tempo como elemento de união e da segregação, sendo o veículo pelo qual a poetisa expressa seus mais íntimos contornos, apresentando-se, também, como fonte do próprio conflito em si: expressar-se em português ou em crioulo?

Como dissemos inicialmente, grande parte dos poemas de Semedo, do seu livro inaugural *Entre o ser e o amar*, está apresentada paralelamente em duas versões: português e crioulo, demonstrando uma dupla face da autora. Assim como Semedo, quase todos os escritores guineenses

também escrevem na sua língua materna (crioulo), mas Semedo também se sente à vontade para expressar-se em língua portuguesa. Desse modo, o poema em análise expressa as contradições desta dupla influência - de um lado sua língua materna, corrente em seu país; de outro a língua oficial, que a liga com o mundo exterior. Considerando que o crioulo funciona como uma língua franca, utilizada por cerca de 70% da população (SILVA, 2006), em contraposição ao português como língua oficial (utilizada na administração e no ensino), surgem os conflitos e as tensões próprias de países bilíngues na constituição de sua identidade, daí a afirmativa de Semedo: “Falarei em crioulo!” A língua se apresenta como uma incômoda forma de revelação, pois ao se manifestar marca um posicionamento que é também político e representa uma fratura existencial, de acordo com Albert Memmi: “[...] munido apenas de sua língua o colonizado é um estrangeiro dentro do seu próprio país” (MEMMI, 1977, p. 97).

Em outros poemas, a autora reflete sobre as angústias do pós-colonialismo, trazendo elementos da tradição africana mesclados à aflição e à esperança que permeiam este momento histórico, conforme é abordado no poema abaixo:

Silhueta da desventura

Sou a sombra dum corpo que não existe

*Sou o choro desesperado
Sou o eco de um grito articulado
Numa garganta sem forças
Sou um ponto no infinito
Silhueta da desventura*

*Perdida neste espaço
Vagueando... finjo existir
Insistem chamar-me criança
E eu insisto ser
A esperança do incerto
O meu tantã é de outros tempos
A melodia que oiço
É o crepitar de chamas
Confundindo-se com o roncar da fome
E o chão onde piso
É uma ilha de fogo*

*A minha nuvem é a fumaça
Da bala disparada
Gotas salgadas orvalham
O meu pequeno rosto
Enquanto choro
Na esperança do incerto*

(SEMEDO, 1996, p. 27)

Para análise do poema é importante investigar, em um primeiro momento, o local de fala, de onde ecoa a voz da poetisa. Em artigo intitulado “A Guiné-Bissau no fundo do canto: o tempo/espço pós-colonial de Odete Semedo”, Monaliza Rios Silva faz a indagação:

Mas, de onde fala Odete Semedo? Da Guiné-Bissau pós-independente, mas ainda tomada pelos ranços de muitos anos de colonização portuguesa. Nota-se que o fato histórico retratado é um momento de conflito gerado pelas forças políticas de um país recém-independente com amarras no sistema autoritarista pós-colonial. (SILVA, 2010, p. 12)

É nesse contexto pós-colonial ainda conflituoso, de disputas vivas, que a autora impõe sua voz poética – daí, portanto, a imagem da “esperança do incerto”: mediante as turbulências políticas e os conflitos armados sofridos internamente é que surge esta esperança ainda tênue, manifesta na incerteza do contexto nacional. Do sofrimento apresentam-se as imagens do “choro desesperado”, “roncar da fome” e “bala disparada”, bem como o próprio título do poema, que reforça a imagem de uma “silhueta da desventura”, todas as marcas de um país ainda não pacificado. A evocação da ancestralidade (o meu tantã é de outros tempos) marca um lugar social que representa tanto o individual

quanto a coletividade de seu povo.

É assim que a história recente do país se faz presente na poesia de Semedo, evidenciando os horrores da guerra ao mesmo tempo em que afirma uma esperança ainda que de forma hipotética. Esta nação, material e emocionalmente destruída pelos anos de guerra, é reconstruída poeticamente através de uma voz que exalta a multiplicidade, as angústias, o retorno às tradições e, sobretudo, o uso do crioulo guineense para fazer uma afirmação da identidade nacional. Nas palavras da autora, em análise crítica em parceria com Maria Calafate Ribeiro:

Se é certo que se questiona sobre a existência de uma Guiné-Bissau enquanto projeto de nação, antes e depois da colonização – uma nação seja ela imaginada e/ou em construção -, não é menos certo que, mais do que qualquer área do saber, é a literatura, pela força da sua expressão, que vai configurar a ideia de uma nação guineense [...] As cantigas de mulher, por exemplo, revelaram-se, e revelam-se, como lugar de expressão de tensões individuais e coletivas. (RIBEIRO; SEMEDO, 2011, p. 11)

A importância da literatura, nesse momento de (re) construção, é reforçada por Semedo, tanto através da pró-

pria literatura, quanto por meio de textos teóricos que analisam a condição literária dos países africanos de língua portuguesa. É, portanto, na voz feminina, subalterna entre os subalternos de seu país, que surgem alegorias, situações e vivências afetivas que contestam o processo colonizador e reafirmam a multifacetada cultura nacional e sua respectiva identidade.

Outras temáticas, como a figura do poeta como portador de uma mensagem, também são caras à autora, como demonstra o poema a seguir:

O teu mensageiro

*Não te afastes
aproxima-te de mim
traz a tua esteira e senta-te
[...] Aproxima-te de mim
pergunta-me e eu contar-te-ei
pergunta-me onde mora o dissabor
pede-me que te mostre
o caminho do desassossego
o canto do sofrimento
porque sou eu o teu mensageiro*

(SEMEDO, 2007, p. 22)

Percebe-se, nesses versos, a figura do contador de

histórias, aquele que se senta diante dos ouvintes e conta o que sabe, sendo ele também o representante e/ou porta-voz da sabedoria e da experiência dos fatos a serem narrados: o poeta é o portador da experiência, o guardião da tradição que faz o passado presente a partir de narrativas orais que privilegiam a memória. A voz do eu-lírico, nestes versos, transfigura-se como um pedido de audiência ao exortar: “traz a tua esteira e senta-te / Aproxima-te de mim” a fim de que possam compartilhar as experiências a partir do ato narrativo. Trata-se, portanto, de um pedido de retorno à tradição, demonstrando como a oralidade ainda guarda seu poder de encantamento/ensinamento.

Outra preocupação constante de Semedo é a expressão de si mesma, ao mostrar aos outros que está entre as demais pessoas e quer se aproximar delas. Ela quer expressar-se para se comunicar com elas, mesmo que esta comunicação traga dissabores.

A kontrata começara

*O grande lugar de rónia
tronco de um velho poilão
aguardava a cerimónia
que abriria o encontro
[...]
Bissau tomou a palavra
era a anfitriã*

*kumbu da mufunesa
antro de desespero
[...]
Que coisa atroz
tão grande mufunesa
filhos seus corriam
de um lado para outro
Bissau era culpada: concluíam
Não criou bem os seus filhos
largou-os ao léu
mal abençoados
vagueando feito rastilhos
debaixo de sol e serunu*

*Esses filhos desgraçados
porfiaram as suas raízes
renegaram a verdade
apostaram na mentira
na calúnia e lobo
fez do seu manjar
outro lobo*

(SEMEDO, 2007, p. 29)

A última poesia aqui em análise traz, agora, a imagem do poema enquanto forma de expressão das manifestações culturais por meio da sensibilidade e do olhar crítico com os

quais Semedo retrata tanto a história de seu país, numa forma mais ampla, quanto os comportamentos e as consequências colocadas nos versos: “Esses filhos desgraçados/ porfiaram as suas raízes/renegaram a verdade/apostaram na mentira”.

Os conflitos da guerra civil surgem em imagens poéticas como: “Bissau era culpada/ não criou bem seus filhos”. A construção da identidade guineense parte, sobretudo, destes acontecimentos históricos que marcam toda a trajetória sócio-política do país. O historiador Eric Hobsbawm (2008, p. 15) considera, com base em sua análise sobre o processo de construção das nações a partir do século XVIII, que estas surgem a partir da articulação de aspectos ambíguos e variáveis como “a língua ou a etnia ou em combinação com outros critérios com a língua, o território comum, a história comum, os traços culturais comuns e outros mais” (HOBSBAWN, 2008, p. 15). Já Amarino Oliveira de Queiroz (2007, p. 91) faz a seguinte assertiva:

[...] as dizibilidades que tanto a palavra poética quanto a imagem podem desencadear abrem possibilidades para uma leitura simultânea de elementos considerados extraliterários e suplementares ao texto, sugeridos na fixação por escrito: os códigos da comunicação não verbal herdados da tradição oral africana, além do tom coloquial que caracteriza a linguagem utilizada

em muitos desses textos, impregnando-os da musicalidade da conversa. (QUEIROZ, 2007, p. 91)

Assim, existe uma dupla possibilidade de leitura que abrange tanto as imagens poéticas evocadas por Semedo quanto os elementos temáticos constituintes de sua poesia, que perpassam pela resistência linguística do crioulo, pela construção da identidade guineense em meio às tensões do contexto pós-colonial em versos que colocam as angústias do eu poético diante de situações de violência e atrocidade. A poetisa é a porta-voz que constrói imagens a partir de uma revisão que pretende compreender as experiências humanas no território de seu país, abrangendo uma gama diversa de formas de narrar as culturas, daí o termo “dizibilidades” utilizado pelo autor. Todo este processo é percorrido para culminar na afirmação da identidade nacional. Segundo a colocação de Moema Parente Augel em *O desafio do escombro* (2007, p. 40):

[O] pertencimento [e a] compartilha da história comum, com seus mitos, crenças e tradições, ancorada no momento fundador da nacionalidade foi o libertar-se do jugo colonial [...] os escritores em seu papel de bardos, reflexos e porta-vozes de uma consciência e de uma identidade coletiva. (AUGEL, 2007, p. 40)

Odete Costa Semedo, a partir de sua lírica repleta de preocupação social e retomando temas caros à sociedade guineense, como a guerra, a natureza e a intrincada relação com o colonizador; contribui com valores humanistas para a construção de uma literatura guineense, consolidando-se como uma das destacadas vozes femininas dos países africanos de língua portuguesa, capaz de representar ao mesmo tempo um país de pequena visibilidade, no Brasil, e de compartilhar a história de construção da nação guineense em sua poética engajada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões levantadas ao longo da presente pesquisa demarcam um território ainda em disputa no âmbito da expressividade poética de Guiné-Bissau, mais especificamente representada pela poesia de resistência de Odete Semedo. A autora, em sua incursão pela poesia, aborda temas relacionados à língua de sua pátria, que correlacionam diretamente as faces da identidade do povo guineense: apresentando-se como fruto da “convivência” da língua oficial portuguesa com as línguas étnicas africanas, mas também na constituição do crioulo, resultado do contato dos colonizadores portugueses com falantes das citadas línguas étnicas, sobretudo com o *kriol*.

Na esteira desse percurso histórico, e ainda conside-

rando a demora na emergência de uma literatura considerada estritamente guineense, surge a figura de Semedo, engajada em vários âmbitos da sociedade guineense e considerada como importante representante feminina da leva de escritores críticos ao violento processo colonial e suas consequências. Sua poesia toca temas linguísticos, conforme já dito, mas que têm ecos ainda mais longínquos nas questões voltadas para a identidade nacional e para sua afirmação enquanto mulher que fala às margens das vozes oficiais, tomando uma iniciativa de escrever inclusive de forma bilíngue: seu livro *Entre o ser e o amar* (1996) é escrito tanto em português quanto em crioulo, revelando desde seu processo de edição e escolha da forma de escrita, aos conflitos que a autora deve mediar entre duas línguas de igual importância no contexto de seu país.

Assim, foram analisados quatro poemas da autora de duas obras distintas (*Entre o ser e o amar* e *No fundo do canto*) que evocam uma relação entre o oral e o escrito, plasmando imagens de um universo cultural africano, sempre híbrido e plural, e proporcionando tanto uma reflexão sobre o passado cultural, quanto uma exortação à valorização da língua de uso corrente – a autora afirma em um de seus poemas: Falarei em crioulo!

Essa voz poética faz emergir um olhar sobre um dos países da CPLP ainda pouco estudado e pouco conhecido longe das fronteiras de seu território, buscando apresentar um apanhado da complexa rede de relações que compõe a

literatura, a língua e a cultura guineenses, pondo em relevo sua importância social e linguística e abrindo uma nova possibilidade de inscrição no cânone através de uma autora que faz da afirmação da nacionalidade sua bandeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

COUTO, Hildo Honório. A poesia Crioula Bissau-guineense. *Revista PAPIA*, São Paulo, v. 18, p. 83-100, 2008.

COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. *Revista PAPIA*, São Paulo, v. 20, 2010 (edição comemorativa).

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora Horizonte/Ed. UERJ, 2012.

EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua

nacional e factor de identidade nacional. *Revista PAPIA*, São Paulo, v. 18, p. 101-107, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: mobilidades e trânsitos diaspóricos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Tradução Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Trad. R. Corbvisier e M. Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.) *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete. *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos das histórias*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

QUEIROZ, Amarino. *As inscricuras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-

Graduação em Teoria da Literatura. Recife, 2007.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. *As Mandjuandadi, cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à Literatura*. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte, 2010.

_____. *Entre o ser e o amar*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

_____. *No Fundo do Canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SILVA, Luciano. Maria Odete da Costa Semedo, uma alma inquieta da Guiné-Bissau. *Carta Maior*, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/Midia/Maria-Odete-da-Costa-Semedo-uma-alma-inquieta-da-Guine-Bissau/12/1130>. Acesso em: 25 dez. 2017.

SILVA, Monaliza Rios. A Guiné-Bissau no fundo do canto: o tempo/espço póscolonial de Odete Semedo. *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v. 1, n. 1, 2010.

SOUZA, Florentina. Literatura Afro-Brasileira: algumas reflexões. *Revista Palmares*, Brasília: Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, n. 2, p. 64-72, dez. 2005.

TÉ, Júlio António Aponto. *Estudo da prática de escritores contemporâneos guineenses*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras: Campus de Araraquara, 2011.

TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2006.

Submissão: 05/02/2018

Aceite: 09/05/2018